

# revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL



**"O SENHOR é o meu Pastor:  
nada me faltará..."** Salmo 23



## 52.<sup>a</sup> SESSÃO DA CONFERÊNCIA GERAL

Pela primeira vez, na história do Movimento Adventista do Sétimo Dia, vai realizar-se na Europa a assembleia da Conferência Geral. Será a 52.<sup>a</sup> Sessão do mais elevado organismo directivo adventista que é a Conferência Geral. Até ao presente todas as sessões anteriores se efectuaram nos Estados Unidos; a última, em 1970, teve lugar em Atlantic City, estado de Nova Jersey, com mais de 30 000 participantes.

A Conferência Geral tem origem bíblica e desempenha na vida da Igreja importantíssimo papel directivo, pois é nesta assembleia que se fazem as nomeações para o desempenho dos cargos mais elevados da Igreja, nomeadamente a do presidente da Conferência Geral.

Estas assembleias têm a seu favor não só a autoridade das Sagradas Escrituras, como também a do Espírito de Profecia. Efectivamente, pode dizer-se que a primeira assembleia da Conferência Geral se efectuou há cerca de 2000 anos, em Jerusalém, para resolver importantes questões de interesse vital para a Igreja que, então, iniciava os seus primeiros passos.

Lemos no Livro dos Actos 15:6: «Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto.» Agitava-se, de facto, entre os primeiros cristãos a questão acerca do rito mosaico. Assim se inaugurou a primeira assembleia da Conferência Geral que estudou e debateu os vários pontos de vista até se chegar a uma resolução que, finalmente, foi expressa nos seguintes termos: «Na verdade pareceu bem ao Espírito e a nós...» e mencionam-se as decisões que por virtude da procedência divina têm força de lei e devem ser cumpridas por toda a Igreja.

Tal foi a origem da assembleia da Conferência Geral: o denominado Concílio de Jerusalém, descrito no capítulo 15 do Livro dos Actos e que teve lugar por volta do ano 49 da nossa era. A partir de então muitos outros concílios se realizaram, tanto ecuménicos como locais, nacionais ou provinciais. Faltou-lhes contudo o guia seguro que provém, exclusivamente, do Espírito Santo e que caracteriza a verdadeira Igreja detentora do Espírito de Profecia.

Foi necessário que se constituísse a Igreja Remanescente para que novamente se realizassem as assembleias gerais, para serem efectivamente

os arautos de Deus, através da Sua Palavra e do Espírito de Profecia.

A primeira assembleia da Conferência Geral que retoma a marcha iniciada no Concílio de Jerusalém — pois durante cerca de 19 séculos a luz profética desapareceu da Terra — teve lugar no dia 20 de Maio de 1863, em Battle Creek, com a presença de 20 delegados. Esses pioneiros da Mensagem do Advento tiveram de travar árdua luta para organizar a Igreja, pois havia entre muitos crentes um forte sentimento contra a organização. Finalmente, a mensageira do Senhor pôde escrever: «Foi-me mostrado que nenhum homem se deve render ao juízo de qualquer outro homem. Mas quando é exercido o juízo da Conferência Geral, que é a mais alta autoridade que Deus tem na Terra, a independência e o juízo individuais não devem ser mantidos, mas postos de parte.» — **Testimonies**, vol. 3, pág. 492.

Estas palavras mostram claramente que «a Conferência Geral é a mais alta organização na administração da nossa obra mundial».

Pois é esta importantíssima assembleia que pela primeira vez na história da nossa denominação se realiza na Europa, precisamente, em Viena de Áustria, durante o mês de Julho. Este acontecimento ímpar na nossa Igreja depara-se-nos como uma oportunidade única de elevar até ao trono de Deus as mais fervorosas preces, provindas de milhares e milhares de crentes estreitamente vinculados pelos laços da «bem-aventurada esperança».

Ali se realizarão impressionantes demonstrações da fé no Advento, por entre orações, cânticos e sermões, e realizando simultaneamente os trabalhos directivos indispensáveis para a boa marcha da Causa de Deus traduzida na Mensagem da Igreja Remanescente.

Conscientes, como estamos, do poder da oração, pedimos a todos os prezados Irmãos e Irmãs que, desde já e durante o tempo da realização da assembleia da Conferência Geral — 10 a 20 de Julho —, se unam num grande espírito de comunhão com todos os obreiros e demais participantes nessa assembleia, para que subam para o Céu, continuamente, as súplicas dirigidas a Deus Pai, através de Jesus e animadas pelo fogo

(Continua na pág. 19)

## SUMÁRIO

52.ª Sessão da Conferência Geral  
«Estai vós apercebidos»  
Como o Estudo dos Videntes me  
Levou a Aceitar Ellen G. White  
Ester — Salvou uma Nação  
Saúde — Alimentação — Tempe-  
rança  
Que É Boa Música  
História do Mês  
Notas Sobre Cristologia — II  
Notícias do Campo  
Caixa de Perguntas  
Breves Notícias do Mundo  
Adventista

revista  
**adventista**

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

JULHO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 346

Director: ANTÓNIO SIMÕES  
LOPES BAIÃO

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO  
S. A. R. L.

Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
SACAVÉM

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

### Preços:

Assinatura Anual: 50\$00  
Número avulso 5\$00  
Estrangeiro 70\$00

# “estai vós apercebidos”

## Aumenta a Tolerância Sobre o Sexo

As opiniões americanas sobre a sexualidade prematrimonial mudaram notavelmente, no sentido dum maior tolerância, desde 1969. A declaração deve-se a um inquérito Gallup feito em Princeton, New Jersey.

Enquanto que 68% das pessoas entrevistadas quatro anos antes tinham dito que o sexo antes do matrimónio é «mau», apenas 48% deram uma resposta negativa durante o inquérito de 1973.

Ainda segundo a organização Gallup, a atitude dos católicos mudou em maior medida do que a dos protestantes. Em 1969, 72% dos católicos e 70% dos protestantes consideravam um mal a experiência sexual prematrimonial. Em 1973, apenas 45% dos católicos deram uma resposta negativa, em comparação com 53% dos protestantes.

A Gallup revelou também opiniões mais tolerantes em relação ao nudismo nas revistas e nos espectáculos. 55% por cento das pessoas são contrárias ao nudismo nas revistas em comparação com 73% quatro anos antes. Em 1973, 65% pronunciaram-se contra o nudismo nos espectáculos, em contraste com os 81% de 1969.

Em 1973, 29%, contra 49% em 1969, dos entrevistados com menos de trinta anos, pensavam que o sexo antes do casamento devia ser evitado.

Em 64% das pessoas com mais de 50 anos houve, em 1973, oposição ao sexo prematrimonial, enquanto que em 1969 tal percentagem era de 80%.

### Segni dei Tempì

## O Natal Abolido

ZAIRE (África) — O gabinete político do «Movimento Popular da Revolução» decidiu a eliminação da linguagem corrente de algumas expressões linguísticas tipicamente belgas e a transformação do 25 de Dezembro em um dia de trabalho normal.

A abolição do Natal como dia festivo foi feita com a observação de que o Zaire é um Estado laico e se encontra acima de qualquer religião particular. Foi proclamado o 24 de Junho como novo dia de festa.

Após a proibição de dar aos filhos nomes cristãos e a obrigação de submeter o trabalho juvenil nas igrejas às directrizes e à organização estatal da juventude, a abolição

do 25 de Dezembro como dia festivo é a terceira medida tomada contra as igrejas cristãs. O Zaire é o primeiro Estado não dirigido por governo comunista em que, contanto embora uma percentagem tão elevada de cerca de nove milhões de cristãos em 17 milhões de habitantes, o dia de Natal tenha sido abolido como dia de festa.

### Segni dei Tempì

## Uma Igreja Adopta o Sábado Como Dia de Repouso

CLEVELAND (E.U.A.) — A Igreja de Deus cuja direcção geral está estabelecida em Cleveland, Tennessee, reconheceu oficialmente o sábado como dia de culto, segundo declara Robert S. Somerville. Esta igreja, disse ele, é a maior organização pentecostal do mundo — conta de facto 20 000 membros — a observar o sábado.

A Igreja, continua o Bispo Somerville, há tempo que reconheceu aos seus membros o direito de observar o sábado segundo os ditames da sua consciência; no entanto, no decurso do passado ano, esse assunto foi objecto de debate no Conselho dos Apóstolos e dos Anciãos da Igreja de Deus, que adoptou oficialmente a resolução de observar o sábado como dia de repouso.

### Review and Herald

## Satanás em Números

NOVA YORK — O número daqueles que crêem em Satanás aumentou sensivelmente nos últimos dez anos, enquanto diminui o número dos que crêem em Deus, pelo menos segundo uma sondagem feita por um Centro de Pesquisas. A sondagem mostra que 48% dos americanos crêem firmemente na existência do diabo, contra 37% em 1964, com um aumento de 11%. Simultaneamente, a percentagem dos americanos que «estão absolutamente convencidos de que Deus existe» desceu de 77% em 1964 para 69%, com uma queda de 8%.

A primeira vista os dados poderiam fazer pensar num nascente culto satânico. No entanto, segundo o Dr. C. Z. Nunn, do Centro de Pesquisas, a esmagadora maioria, cerca de 94%, dos que estão absolutamente certos da existência do diabo, estão do mesmo modo convencidos da existência de Deus.

### The Ministry

# COMO O ESTUDO DOS ME LEVOU A ACEITAR ELLEN G. WHITE

RENE NOORBERGEN

O autor de *Jeane Dixon My Life and Prophecies* revela porque agora crê no Espírito de Profecia

**NOTA DA REDACÇÃO.—**  
Realmente extraordinário é este valioso e espontâneo testemunho, vindo de quem jamais crera no Espírito de Profecia, jornalista de alta qualificação e especialista no estudo imparcial dos fenómenos psíquicos. Como se depreende deste trabalho, ele rejeita o espiritismo e, tacitamente, a parapsicologia. O autor compôs a biografia da famosa vidente Jeane Dixon, que previu o assassinato de John Kennedy. É católica praticante, tem visões, e lê a bola de cristal. Noorbergen foi imparcial ao tratar dela. No entanto ela não suporta o teste PAQ (Quociente de Exactidão Profética) ao nível de 100%. Rene Noorbergen publicou há pouco tempo um livro que está circulando agora, intitulado *Ellen G. White — Prophet of Destiny (Ellen G. White — Predestinada Profetisa)* que se espera seja um «best-seller» nos Estados Unidos. Nele o autor revela, com pormenores, a sua análise dos escritos e das predições da serva do Senhor, e as conclusões que o levaram a aceitar a inspiração do Espírito de Profecia.

«É O ESPÍRITO de Profecia realmente digno de crédito? Crê, o senhor, de facto, que Ellen White foi uma profetisa?»

Sempre que faço conferências sobre o assunto de fenómenos psíquicos, alguém, no auditório, me atira estas perguntas. Quer sejam motivadas por sincero interesse ou apenas usadas como introdução a outros assuntos mais desenvolvidos, sempre alimentam a chama do entusiasmo que arde em mim, pois essas indagações invariavelmente me relembram a maneira por que redescobri o Espírito de Profecia.

Muitos de vós foram informados, em escolas de igrejas, colégios e seminários, das pretensões da Sr.<sup>a</sup> White. Outros ouviram evangelistas discorrerem convictamente sobre o dom profético, ou leram artigos e livros que tratam, com pormenores, deste dom. O meu conhecimento do assunto veio de outro modo: através da investigação das pretensões dos modernos videntes.

Como jornalista envolvido em factos e curiosidades de grande alcance, desempenhei missões que só podem ser descritas como fantásticas e incríveis. Trabalhando para a **Camera Press Limited**, de Londres — organização que executa grandes e especiais reportagens para revistas — noticiei as experiências de George King, pretendo representante da «Assembleia Interplanetária» baseada em Vénus, e ouvi as comunicações,

que mais pareciam resmungos, procedentes de Marte-Número Seis e o Mestre **Etherius** vindas pela boca do inconsciente «embaixador». Na pesquisa de material de reportagem para uma revista, andei pelos caminhos enluarados da Nova Floresta Britânica, observando atentamente as actividades da Vidente Leek, suma sacerdotisa da feiticearia.

Em numerosas visitas que fiz ao Haiti, ficava acordado à noite, ouvindo os trepidantes sons dos ameaçadores tambores dos vudus. Explorei o Pacífico, e encontrei-me com curandeiros, que passam, por meio de encantamentos, noites fascinantes com os drusos no Oriente Médio. Mas mesmo quando Malacia Reynolds, a grande pastora de Pokomania, me permitiu ver os seus seguidores caírem num profundo estado de êxtase, durante uma cerimónia religiosa, em humilde cabana nas imediações de Kingston, capital da Jamaica, eu não estava cõnscio da exacta extensão do poder que havia atrás disso. Não foi senão quando comecei a lidar com médiuns de categoria que compreendi as implicações da sua obra.

A maioria de nós, investigadores psíquicos, são pessoas que têm acesso a um conduto de comunicação que opera numa frequência além do espectro conhecido. Ouvimos seres que os cumulam de informações provindas de uma dimensão invisível a olhos humanos. Provavelmente esta



# VIDENTES

definição serve como qualquer outra, pois, em conjunto, todas as definições se reduzem a uma simples abreviatura SCS (Sistema de Comunicações Satânicas), pois é isto o que se vê por toda a parte.

Fora do exercício profissional, os jornalistas são conhecidos como um cacho de nozes duras, imparciais onde necessário, desviados e obtusos quando se apresenta a devida ocasião, mas geralmente neutros e compreensivos. Durante todo o meu trabalho ao escrever a biografia **Jeane Dixon — My Life and Prophecies**, teimosamente permaneci imparcial. Mas ao final, de modo subconsciente, comecei a aplicar testes bíblicos às pretensões da biografada. E, aos poucos, as sementes da dúvida criaram raízes na minha mente.

Foi a elaboração do livro **You Are Psychic** que não apenas esclareceu a minha ideia a respeito dos videntes como também trouxe diante de mim, de modo categórico, a questão da inspiração da Sr.<sup>a</sup> White. O escrever livros sobre fenómenos psíquicos é a «onda» dos nossos dias. As prateleiras das livrarias acham-se repletas de «best-sellers» que tratam destes assuntos. Para o preparo do meu novo livro tive de cavar fundo nas fontes para obter material sobre fenómenos do sobrenatural. Ao terminar, começou a manifestar-se em mim a convicção de que o sobrenatural, manifestado em fenómenos psíquicos, oferece

à humanidade muito maior perigo do que eu imaginava.

Foi nessa ocasião que apanhei um exemplar do livro **Primeiros Escritos**, da autoria de Ellen White, e o examinei atentamente. A minha formação europeia não me predispunha a considerá-la como profetisa. A exemplo de numerosos adventistas da Europa, considerei-a uma mulher profundamente espiritual, porém não aceitava que seus livros tivessem sido escritos sob inspiração. Comecei, então, a analisá-la como o faria a um vidente, estudando as suas predições, conceitos, conselhos e orientação em assuntos de igreja. Cheguei a algumas conclusões surpreendentes.

Ao pesquisar fenómenos psíquicos, eu adoptava um teste que revelasse um PAQ, ou seja, **Prophetic Accuracy Quotient** (Quociente de Exactidão Profécita). Alguns videntes revelavam 85 por cento, outros 57 por cento, e assim por diante. Verifiquei que as predições de Ellen White — quantas pude constatar já cumpridas — obtiveram cem por cento de exactidão. Somente a autêntica inspiração pode determinar este resultado.

Duas de suas predições, que mais me impressionaram, foram as que se referem à destruição de São Francisco e ao desenvolvimento do espiritismo. Em 1902 teve ela uma visão acerca da catástrofe que desabaria sobre a cidade, se o seu povo não se arrependesse. As partes principais dessa visão foram-lhe repetidas em numerosas ocasiões, sempre com mais pormenores, sempre mais enérgica em seus pronunciamentos<sup>1</sup>. A visão do **Grande Conflito**, que teve em 1858, deu-lhe a espantosa profecia da acção que Satanás desenvolve através do espiritismo<sup>2</sup>. Os factos que lhe foram mostrados, tão exactos e pormenorizados, correspondem facilmente ao específico progresso do espiritismo.

Seus conceitos sobre assuntos médicos são igualmente convincentes. Num tempo em que a Medicina era maiormente empírica, e catálogos remetidos pelo correio ofereciam cápsulas de arsénico para melhorar a pele e a aparência, e uma composição de mercúrio para curar várias moléstias, e a profunda inalação da fumaça do tabaco era recomendada para os males do pulmão, Ellen White fazia enérgica advertência contra esses pretensos remédios, em termos bem claros. Em muitos casos, seu ponto de vista médico de cem anos atrás só agora está sendo comprovado pela pesquisa médica<sup>3</sup>.

Impressionou-me também a sua honestidade. Ela jamais mentiu ou desnaturou o seu dom. E de facto denunciou os pecados do povo sem hesitação — testemunho imperativo e necessário à integridade profética. Desfizeram-se as minhas dúvidas. Ela cumpria todos os ensinamentos da igreja sobre ela e passava os testes bíblicos de um verdadeiro profeta.

Descobri, no entanto, mais alguma coisa que me impressionou sobremaneira. Somente ela — dentre os «profetas» dos nossos tempos — predisse as pretensões e comportamento dos médiuns, coisa que nenhum vidente teve a coragem ou o discernimento de fazer. Ela não somente fez isto como também identificou a espécie de inteligência que havia atrás dessas manifestações e «profecias», e anunciou os acontecimentos que essa «inteligência» tinha poder de operar. Somente a inspiração divina podia revelar-lhe a natureza do poder satânico, que hoje combatemos.

Prevendo o surgir e o desenvolver do espiritismo, o agente da satanocracia, ela constantemente advertia contra os seus enganos, e antecipou que eles se ajustariam à nossa era científica, e revelou a

(Continua na pág. 18)

# ESTER

Por LEONA GLIDDEN RUNNING

## SALVOU UMA NAÇÃO

— HADASSAH, minha querida prima, que para mim és como uma filha, por favor inscreve-te no concurso que hoje foi anunciado no palácio. Creio que és mais formosa e simpática que todas as demais donzelas de todo o reino do meu amo, o rei Xerxes. Visto que a rainha Vasti cometeu um desacato, o rei aceitou o conselho dos seus cortesãos que lhe sugeriram procurar uma rainha melhor. Os preparativos para o concurso vão começar enquanto o rei estiver ausente, durante a sua próxima expedição militar.

— Oh, Mardoqueu, meu amado primo, que tens sido um pai para mim, desde que faleceu o meu pai Abihail! Como poderia eu, uma judia exilada na Pérsia, participar no concurso e tentar tornar-me rainha, a esposa de Xerxes? Agradar-Se-ia Deus de tal coisa? Poderia conservar-me leal a Ele, vivendo ao mesmo tempo entre pagãos no grande palácio de Inverno de Susa, ou no palácio de Verão de Ecbátana, ou no palácio dos tesouros e festividades de Persépolis?

— Hadassah, podemos ser leais a Deus em toda a parte. Se Deus inspirasse o rei a te escolher para rainha, também te daria poder para fazeres a Sua vontade e viver para Ele.

— Nesse caso, querido Mardoqueu, farei o que me sugeres. Por favor, inscreve-me no concurso.

Mardoqueu registou Hadassah com o seu nome persa, Ester, que significa «estrela». Não disse que era judia nem que era sua parente e pediu também a ela que não revelasse esses factos. Não só a sua beleza como também a sua maneira dócil, calma e suave ganharam o coração de Hegai e dos outros encarregados de realizar os complicados ritos da preparação, que requeriam um ano completo. Quando Xerxes regressou das derrotas que lhe infligiram os gregos em Sala-

mina e Plateias e levaram as jovens à sua câmara, uma por uma, enamorou-se de Ester e elegeu-a para ser rainha (no sétimo ano do seu reinado, ou seja, cerca do ano 479 A. C.). O casamento foi celebrado com um grande banquete.

Ester teve logo a oportunidade de salvar a vida do seu real esposo. Mardoqueu teve conhecimento de uma conjura contra o seu amo e transmitiu a notícia a Ester. Ela entrou em contacto com o rei e mencionou Mardoqueu como a fonte da informação. Os dois cortesãos culpados foram enforcados e fez-se um registo oficial, nos anais do reino, acerca da actuação de Mardoqueu.

Alguns anos mais tarde outro cortesão de Xerxes conquistou a simpatia e o favor do rei. Tratava-se de Haman, descendente de Agag, rei dos amalequitas, a quem o rei israelita Saul conservou a vida mas que foi pessoalmente executado pelo profeta Samuel, de acordo com a ordem de Deus. A tradicional inimizade entre os amalequitas e os hebreus persistia no coração de Haman. Quando viu que Mardoqueu, cortesão influente, conhecido como judeu, não lhe prestava honras como os demais, de acordo com a sua conquistada posição, decidiu vingar-se eliminando não só Mardoqueu, mas também todos os da sua raça. Resolveria «o problema judeu» duma vez para sempre. Mas Deus não lhe permitiu realizar o seu propósito, do mesmo modo que o não permitiu também a Hitler dois mil e quinhentos anos mais tarde. Já tinha Ester no palácio de Susa, por intermédio de quem poderia trabalhar para a salvação do seu povo.

Por meio de intrigas conseguiu Haman um decreto de Xerxes que lhe permitiria destruir todos os judeus do Império Persa. Obteve-o para onze meses mais tarde, pelo fim do duodécimo ano do reinado de Xerxes (cerca de 474 A. C.). Mardoqueu ouviu falar da conspiração de Haman e veio lamentar-se, vestido de saco, junto da porta do rei. Quando ouviu, por intermédio dos seus servos, que Mardoqueu estava provocando uma gran-

Leona Glidden Running é professora de línguas bíblicas no Seminário Teológico Adventista da Universidade de Andrews, Berrien Springs, Michigan, Estados Unidos.

**MULHERES DA BÍBLIA.** — 1975 é considerado o Ano Internacional da Mulher. A Palavra de Deus apresenta-nos inúmeros exemplos de mulheres que tiveram uma acção preponderante na sociedade e influenciaram decisivamente os acontecimentos históricos. O caso de Ester ensina-nos que

## QUANDO DECIDIMOS SEGUIR O PLANO DE DEUS, ESTAMOS TOMANDO A DECISÃO MAIS IMPORTANTE DA NOSSA VIDA.

### Horas de «suspense»

de agitação, Ester, que não sabia nada acerca do decreto, mandou Hatach averiguar do que se tratava. Este trouxe uma cópia do decreto e a mensagem de que Mardoqueu queria que Ester intercedesse junto do rei a favor da vida do seu povo.

Ester ficou abalada diante da ameaça que pesava sobre o seu povo e também pela responsabilidade que o seu tutor punha sobre ela. Então respondeu por intermédio de Hatach: «Todos os servos do rei, e o povo das províncias do rei, bem sabem que todo o homem ou mulher que entrar ao rei, no pátio interior, sem ser chamado, não tem senão uma sentença, a de morte, salvo se o rei estender para ele o ceptro de ouro, para que viva; e eu estes trinta dias não sou chamada para entrar ao rei.»

A resposta de Mardoqueu leva-nos a meditar: «Não imagines em teu ânimo que escaparás na casa do rei, mais do que todos os outros judeus. Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento de outra parte virá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?»

Este pensamento penetrou na consciência de Ester. Enviou uma mensagem a Mardoqueu para que reunisse todos os judeus de Susa a fim de jejuarem três dias e três noites em seu favor. Ela e as suas amas fariam o mesmo, e depois apresentar-se-ia diante do rei, ainda que contra a lei, e acrescentou: «Se perecer, pereço».

Chegado o terceiro dia, Ester vestiu os seus vestidos reais e entrou no pátio interior do palácio. Xerxes estava sentado no seu trono, e quando avistou Ester estendeu-lhe o ceptro. Ela aproximou-se e tocou-o, intimamente agradecida por não ter de enfrentar a morte, pelo menos por aquele momento. Em resposta ao amável desejo do rei de saber o que queria, ela convidou-o, juntamente com o seu principal ajudante, Haman, a participar de um banquete no dia seguinte.

O extraordinário relato bíblico introduz o «suspense» quando a rainha resiste às insistências do rei para saber qual é o seu desejo, pedindo-lhe para que, tanto ele como Haman, assistam a um novo banquete no dia seguinte, ocasião em que tornará conhecidos ao rei os seus desejos. Deste modo se deu providencialmente tempo para que sucedesse o seguinte: O rei não pôde dormir, razão pela qual, para passar o tempo, pediu que lhe lessem os anais do reino. Assim se recordou de que Mardoqueu lhe tinha salvo a vida, informando-o acerca da conjura tramada para assassiná-lo. Nos anais estava registado o enforcamento dos conspiradores, mas não havia nenhuma referência da recompensa que se deveria ter dado a Mardoqueu; e o rei, consciente dessa deficiência, decidiu que o recompensaria no dia seguinte.

Haman, ao sair do banquete, inchado de satisfação pelo facto de ter sido honrado ao ponto de ser o único convidado ao banquete com o rei e a rainha, mais uma vez sentiu a profunda irritação quando, ao passar junto do cortesão Mardoqueu, este não lhe prestou as honras que ele se sentia no direito de receber. Quando chegou a casa, despejou a sua indignação em frente da mulher, Zeres, e dos amigos que ali se haviam reunido. Logo a seguir tratou de pôr em prática o conselho que estes lhe deram: levantar uma força bem alta e obter do rei autorização para enforcar Mardoqueu.

Na manhã seguinte Haman compareceu diante do rei para lhe solicitar a autorização de eliminar Mardoqueu como sedicioso; porém, antes que pudesse apresentar a sua pretensão, o rei pediu-lhe conselho acerca do que se poderia fazer com a pessoa a quem o monarca queria honrar.

«Que outra pessoa poderá ser senão eu?» pensou Haman. Sugeriu então que essa pessoa, vestida com aparato real, montada sobre um dos cavalos do rei, cavalgasse pelo centro da cidade



enquanto um dos personagens mais notáveis do reino proclamaria diante dele: «Assim se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada».

«Esplêndida ideia», disse o rei. «Faz exactamente isso, com todos os pormenores, a Mardoqueu, agora mesmo, esta manhã».

Esta estranha manifestação de justiça foi para Haman um osso duro de roer, e ao mesmo tempo um mau presságio. Zeres, sua mulher, reconheceu esse facto, quando o viu regressar a casa acabrunhado. Mas não havia tempo a perder em lamentações, porque já chegavam os mensageiros para o escoltarem ao banquete de Ester.

Quando o rei interrogou pela terceira vez a sua esposa, solicitando-lhe que manifestasse o seu pedido, prometendo conceder-lhe, inclusivamente até metade do seu reino, a jovem judia deu-se conta de que havia chegado o momento exacto. «Se, ó rei, achei graça aos teus olhos, e se bem parecer ao rei, dê-se-me a minha vida como minha petição, e o meu povo como meu requerimento. Porque estamos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem, e lançarem a perder; se ainda por servos e por servas nos vendessem, calar-me-ia; ainda que o opressor não recompensaria a perda do rei» (Ester 7:3, 4).

Então o rei perguntou quem se atrevera a planear semelhante coisa e Ester respondeu: «É este malvado Haman».

A resposta explodiu como uma bomba na frente de Xerxes e de Haman. O rei enfureceu-se de tal maneira que saiu da sala do banquete e foi para o jardim do palácio. Haman, tomado de tremenda preocupação, deixou-se ficar para implorar à rainha que intercedesse diante do rei pela sua vida, pois estava certo de que a iria perder. Haman ajoelhou-se diante de Ester, que continuava reclinada no seu divã, e finalmente caiu prostrado aos pés dela no momento em que Xerxes regressava ao salão. O espectáculo não contribuiu em nada para aplacar a ira do monarca. Alguns servos do rei cobriram o rosto de Haman enquanto um deles mencionava a força de cinquenta côvados de altura que ele mandara erguer na véspera, para enforcar Mardoqueu, o mesmo que tinha salvo a vida do rei. Imediatamente Xerxes ordenou: «Enforquem Haman na sua própria força!»

O perseguidor estava morto, mas a sua conspiração continuava de pé, estabelecido como estava que os decretos do rei eram irrevogáveis. Ester voltou a comparecer diante do rei, rogando-lhe com lágrimas que evitasse a catástrofe. Novamente o ceptro de ouro se inclinou para ela, e a

rainha suplicou que se desse outra ordem escrita e que fosse enviada a todas as partes, para revogar a primeira, porque «como poderei ver o mal que sobrevirá ao meu povo? E como poderei ver a perdição da minha geração?» Xerxes respondeu-lhe, e disse também a Mardoqueu, que eles podiam escrever como quisessem em nome do rei e que selassem a ordem com o selo real que Mardoqueu tinha agora à sua guarda. Vieram secretários e Mardoqueu expediu um edito que se difundiu por todas as províncias persas tal como aquele que Haman havia promulgado, no qual se declarava que os judeus eram autorizados a defender-se contra todo e qualquer atacante na data indicada, dia 13 de Adar, pelo fim do ano, cerca de onze meses mais tarde.

### As colunas partidas de Susa

As pessoas que hoje visitam o local onde se encontra Susa, na sufocante planície que se estende junto ao rio Ulai, onde o fiel profeta Daniel recebeu as suas visões, podem ver uma vasta zona com grande quantidade de colunas partidas que no passado sustinham o **apadana**, o salão de festas, onde a valente, abnegada, dócil e bondosa rainha Ester ofereceu um banquete ao seu real esposo e ao malvado e astuto Haman.

Em Hamadã, na montanhosa província do norte, mais fresca que a tórrida Susa, na planície que se estende próximo do Golfo Pérsico, encontrava-se a capital estival do império persa. Na sinagoga do sítio há dois sarcófagos. Estão envoltos no característico tecido de vários metros de comprimento, bonito, de diversas cores e com muitos desenhos, alguns bordados com ouro e prata. Segundo a tradição, são os féretros de Ester e de Mardoqueu. Na parede próxima do féretro que está mais afastado (o de Mardoqueu), estão penduradas duas tábuas que representam a lei, ostentando números hebreus e as duas primeiras palavras de cada mandamento, os primeiros cinco na tábua do lado direito e os outros cinco na tábua do lado esquerdo. Não sabemos se o corpo de Ester repousa realmente no primeiro daqueles sarcófagos, mas sabemos que o seu povo nunca a esqueceu, nem tão-pouco os muitos estudiosos da Bíblia que, em todos os séculos, se têm inteirado das suas proezas. O seu testemunho é válido ainda nos nossos dias, e é este: que Deus cuida dos Seus filhos e que seguir o Seu plano para a nossa vida é a melhor decisão que podemos tomar.



## O GLÚTEN

«Cereais, frutas, nozes e verduras constituem o regime dietético escolhido por nosso Criador. Estes alimentos, preparados da maneira mais simples e natural possível, são os mais saudáveis e nutritivos. Proporcionam uma força, uma resistência e vigor intelectual, que nos são providos por uma alimentação mais completa e estimulante.

Nos cereais, frutas, verduras e nozes devem encontrar-se todos os elementos alimentícios de que necessitamos. Se chegarmos ao Senhor em singeleza de espírito, Ele nos ensinará comida saudável livre da mancha da carne.» — **Conselhos Sobre o Regime Alimentar**, pág. 363.

Um dos compostos orgânicos mais importantes da matéria viva são os prótidos ou proteínas. São compostos azotados cuja unidade fundamental é constituída pelos aminoácidos. É da combinação dos 20 aminoácidos diferentes que resulta a enorme diversidade exibida pelos organismos diferindo uns dos outros pelos múltiplos tipos de proteínas que os formam. Para a sua assimilação, o nosso aparelho digestivo, através dos seus fermentos ou enzimas, desdobra as proteínas novamente nos seus aminoácidos.

As proteínas são, portanto, um dos alimentos energéticos indispensáveis à construção ou à manutenção do edifício orgânico.

Consideremos, hoje, o glúten. É formado por um conjunto de proteínas do protoplasma das células do parênquima amiláceo do albúmen dos cereais. O glúten do trigo é constituído essencialmente de gliadina e glutemina, duas proteínas que pela acção enzimática do organismo são desdobradas em diversos aminoácidos.

A gliadina é desdobrada em 9 aminoácidos: alamina, leucina, prolina, fenilalanina, tirosina, ácido aspártico, ácido glutâmico, aspinina, histidina, contendo também amónia. A glutemina desdobra-se nos aminoácidos da gliadina e ainda em glucina e lisina.

Temos portanto no glúten uma boa fonte de proteínas.

O glúten apresenta-se sob a forma de um pó cinzento-amarelo que, misturado com a água, intumesce. Pode separar-se da farinha de trigo depois de amassada e sujeita à acção da água corrente que arrasta o amido. O glúten pode preparar-se em casa ou comprar-se sob a forma de farinha de glúten.

Para o preparar em casa procede-se da seguinte forma: mistura-se a farinha de trigo, já peneirada, com água como se fosse para amassar pão. Depois forma-se uma bola que se deixa imersa em água durante 1/hora. A seguir, ainda dentro de água, procura-se retirar o amido, comprimindo com as mãos a massa. A água deve ser removida frequentemente até que fique clara. O que restar é glúten.

No entanto, apesar deste processo ser simples, nem sempre traz resultados compensadores. Pessoalmente procurei resolver este problema comprando directamente a farinha de glúten através da simpática colaboração do Pastor Arnaldo Borges, em Aveiro, onde há alguém que vende o glúten já separado do trigo. Na medida em que este assunto despertar interesse poderemos pensar numa futura possibilidade de se dispor de uma maneira de tornar o fornecimento mais acessível àqueles que o desejarem adquirir.

Apresentamos, a seguir, uma receita extremamente simples, utilizando o glúten:

A farinha de glúten é muito fácil de cozinhar. Basta misturá-la com água suficiente para a transformar numa massa plástica acinzentada e pegajosa. Escorre-se então a água, espremendo a massa de maneira a dar-lhe uma forma cilíndrica com aproximadamente 8 cm de diâmetro. Com uma faca bem afiada corta-se o rolo em fatias de 0,5 a 1 cm de espessura.

Entretanto prepara-se molho de tomate com bastante cebola e alho a que se junta água suficiente para cobrir e cozer o glúten. A cozedura é rápida. (Nesta altura o glúten apresenta-se esponjoso e de volume muito aumentado). Uma vez concluída, separam-se as fatias e colocam-se numa travessa. Ao resto do molho misturam-se 2 colheres de farinha de soja e deixa-se ferver. Em seguida cobrem-se as fatias com este molho, salpicando com salsa picada.

Serve-se acompanhado com puré de batata e salada variada.

Resta-nos desejar-vos bom apetite!

Eunice Dias



# QUE

MUITAS vezes os pais são levados a se decidirem a favor ou contra alguma coisa, e a seguir descobrem que há fortes argumentos contra a posição que assumiram. Com frequência enfrentamos este problema em relação aos programas de rádio e TV ou à escolha de música. Pelo facto de algumas coisas nesta vida não terem nada de bom em si mesmas, a classificação de um número musical, por exemplo em «bom» ou «mau» pode ser enganosa, devido aos muitos aspectos envolvidos.

A maioria dos adultos circunspectos e de jovens cristãos percebe que o diabo tem música que difere da música do Céu. O problema neste ponto é sabermos como expressar coisas dignas e seguras nesta vida, em contraposição às que nos distanciam de Deus. Visto que Deus não nos deu um index de cânticos proibidos, como podemos saber o que Lhe agrada ou desagrada?

Parece que neste aspecto, bem como em outros da vida, Deus nos deu princípios normativos, e espera que os busquemos e os sigamos sob a orientação do Seu Espírito. Ao estudar este assunto, considere, com especial interesse, vários trechos que nos indicam os princípios que regem a música que os seres celestiais apreciam. Citamos quatro deles:

«O bom canto é como a música dos pássaros — dominado e melodioso (...) As notas longamente puxadas e os sons peculiares, comuns nos cantos de óperas, não agradam aos anjos. Eles se deleitam em ouvir os simples cantos de louvor entoados em tom natural». — **Evangelismo**, pág. 510.

«O som dessas felizes, irreprimidas vozes foi uma ofensa para os dirigentes do templo (...) Disseram

ao povo que a casa de Deus era profanada pelos pés das crianças e suas aclamações de júbilo». — **O Desejo de Todas as Nações**, pág. 440.

«Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida». — **Mensagens Escolhidas**, livro 2, pág. 38.

«Solenes responsabilidades recaem sobre os jovens, as quais eles consideram levemente. A introdução da música em seus lares, em vez de estimular a santidade e espiritualidade, tem sido o meio de desviar-lhes a mente da verdade. Canções frívolas e a música das camadas populares da época parecem congeniais ao paladar deles (...) A música, sem abusos, é uma grande bênção. Quando, porém, mal empregada, torna-se uma terrível maldição. Excita, mas não comunica força e ânimo que o cristão só pode encontrar no trono da graça. (...) Ele (Satanás) é experimentado encantador, que os engana (aos jovens) até à perdição». — **Testimonies**, vol. 1, pág. 497.

Situo-me na faixa etária que se encontra no perigo de rejeitar qualquer coisa nova somente por ser nova e diferente. Quanto mais idosa é uma pessoa, em maior número são os caminhos da memória que a levam a recordar-se. Nessas avenidas da memória acham-se antigas canções, antigos conceitos, e antigas maneiras de fazer as coisas. Às vezes a idade tende a produzir uma auréola no passado. Conscientemente, não quero rejeitar ou aceitar o passado ou o presente porque seja uma época acariciada ou moderna.

Embora reconhecendo a tendência da educação e do hábito, analisemos as partes da música separadamente,

numa tentativa de classificá-la. Por vezes é preferível ser exigente a ser liberal na área do conhecimento, de modo que as partes de um todo possam ser examinadas separadamente, em profundidade, antes de juntá-las para ver a sua função como uma entidade. Para maior clareza, basear-nos em um diagrama. (Ver diagrama).

Parece-nos que deveríamos classificar a música em três categorias e considerá-la na base de sete aspectos. Talvez o número de categorias e aspectos possa ser aumentado, diminuído, ou mantido, dependendo do discernimento de cada um; contudo, esta classificação tem-nos sido útil em avaliar as músicas. Com a aplicação do diagrama podemos determinar os factores de aceitação ou factores apropriados de execução para cada cântico.

Preferimos não deixar lugar para preferências pessoais. Neste assunto, como em todas as coisas da vida, devemos guiar-nos por uma consciência submetida à direcção e orientação do Espírito Santo. Teoricamente as avaliações devem ser feitas como se Deus considerasse as coisas. Praticamente temos de usar a razão santificada que vem de uma atitude pacífica com um objectivo, de preferência a outras motivações que se nos deparam, e evitar o que seja desagradável ou se torne pedra de tropeço aos que possam estar à nossa frente ou atrás de nós na vereda cristã.

## As Três Categorias

As três categorias, conforme esta classificação, achamo-las necessárias por se tratar de coisas espirituais, pois as coisas comuns são de duas espécies. Algumas das coisas comuns da vida não são más em si mesmas. As coisas inofensivas só se tornam prejudiciais quando usadas em excesso ou quando se tornam um ídolo. Há, por outro lado, coisas comuns que são más e degradantes.

Para ilustrar as categorias, consideremos uma profissão. O trabalho de um carpinteiro é uma bênção quando feito para ajudar outros e edificar algo digno. Entretanto não seria oportuno armar uma carpintaria



# É BOA MÚSICA

num templo dedicado a Deus, com martelos e serrotes trabalhando no sábado. O mesmo critério se aplica aos programas musicais comuns. Podem ser bons em seu devido lugar. Fora disto, a música popular ou sacra, como o trabalho de carpinteiro, pode ser usada para servir o diabo.

A exigência é mais do que bons motivos, mesmo importantes. As coisas devem ser feitas correctamente, à maneira de Deus, para Lhe serem aceitáveis.

## Os Sete Aspectos da Música

**A Melodia.** É pela sequência das notas, a melodia de um cântico, mais do que por qualquer outro aspecto, que lembramos e distinguimos uma música de outra. A melodia é a impressão digital da música. Esta pode ser deformada um pouco pelo ritmo ou arranjos, ou pelos malabarismos do teclado, mas a melodia ainda identifica o número musical. Podemos mudar a letra ou o instrumento que a executa, e mesmo assim ela é reconhecida. Desde que a música seja escrita com as palavras para o canto, os que ouvem uma interpretação dela associam mentalmente as palavras, a melodia, o ritmo, o instrumento e o executante ou cantor. Associam-na a determinado ambiente e a classificam consciente ou inconscientemente. Essa melodia tem um direito autoral na categoria de música com aquelas palavras. Pertence a elas pela associação de ideias que ocorre em nós.

Para ilustrar o assunto, façamos algumas suposições. Suponhamos que há uma congregação que conheça bem a canção popular «Cidade Maravilhosa» e também o hino 426

do nosso hinário, «Olha Para Cima». Suponhamos que as **palavras** desse hino se adaptem **musicalmente à música de «Cidade Maravilhosa»**. Ora, se alguém, muito familiarizado com a letra de «Cidade Maravilhosa» cantada com a sua própria melodia, fosse ouvir em seu lugar a letra de «Olha Para Cima» cantada com aquela melodia, teria uma perturbada reacção mental. Isto aconteceria mesmo que o cantor fosse um cristão dedicado e fosse acompanhado calmamente por um órgão de tubos. Por outro lado, alguém que jamais tivesse ouvido «Cidade Maravilhosa» não teria essa associação de ideias, e poderia receber uma bênção da interpretação.

Em outras palavras, os factores que determinam a categoria a atribuir a um cântico específico são, até certo ponto, motivados pelo ambiente do qual a melodia foi extraída, e isto é determinado pelo facto de o auditório tê-lo ou não ouvido. Seria a mistura do sagrado com o comum na mente de um auditório numa parte do mundo, tal não acontecendo com alguém, em outra localidade, que jamais tivesse ouvido essa melodia.

Permitam-nos fazer mais uma observação sobre a melodia. Há certas espécies de música clássica, para mim duras de apreciar. Refiro-me àquelas em que o acorde ou sequências de notas não formam um padrão melódico, mas constituem uma sucessão de sons descontinuos, não relacionados uns com os outros.

Essa música é análoga à pintura moderna. Vê-se no cavalete do pintor um conglomerado de sombras e matizes. Mais exactamente, há salpicos de cor, mas não organizados

para apresentar um quadro. Para se saber o que o artista tinha em mente é preciso aceitar a palavra do artista ou dispor de um intérprete altamente imaginoso. Duvido que essa espécie de música possa representar um problema moral. Não pode criar libertinagem mais do que os borrões do artista moderno possam retratar pornografia. Por outro lado, como pode isso apresentar uma clara lição espiritual?

A música é mais do que uma série de bramidos sónicos de «rock'n'roll», executados com tão longa duração até que os músicos fiquem exaustos. É mais do que exercícios de ginástica instrumental com o rótulo de «música clássica». Ela deve ser melodiosa.

**Compasso ou Ritmo.** Não há provavelmente nenhum outro aspecto de um cântico que cause tanto desacordo entre os cristãos como o compasso ou ritmo de uma peça musical. A geração mais jovem inclina-se para um ritmo que incite a participação do corpo físico com os processos mentais e a natureza espiritual. Parece-me que um bom hino pode compelir tanto a uma movimentação espiritual como física, dependendo do ritmo. Os critérios tornam-se, então um pouco mais claros. Procura o músico, através do ritmo, edificar os presentes, ou deseja ela favorecer demonstrações físicas pelo auditório? Demonstrações físicas, estimuladas pela maneira em que um cântico é executado, podem ser apropriadas sob certas circunstâncias, mas batidas de pé, palmas, gritos, e danças não são apropriados numa igreja.

**Letra.** As palavras de uma melodia nem sempre são necessárias

	Melodia ou Acorde e Sequência de Notas	Ritmo ou Compasso	Palavras Declaradas ou Insinuadas	Instrumento Empregado na Execução	Executantes da Música: Seus princípios de Vida	Tipo de Programa ou Ambiente	Maneira de Apresentar
Elevação Espiritual							
Efeito Neutro Comum							
Rebaixamento Moral							

para transmitir uma bênção espiritual. Por outro lado, muitos hinos começam como poemas. A melodia veio ao autor da música depois de ter ouvido a letra. Para um adventista do sétimo dia, as palavras devem ser feitas para transmitir a verdade. As vezes é aconselhável reformular a letra de um hino, de modo que o adventismo, em vez do protestantismo apostatado, seja ensinado pelo hino. Se não estou autorizado a alterar a letra a fim de corrigir um erro doutrinário, inclino-me pessoalmente, a escolher outro hino, pois como poderia louvar a Deus cantando uma falsidade conhecida? As boas palavras de um hino expressarão, idealmente, o profundo sentido que anima quem mais aprecia e ama a Deus. As palavras de um hino devem ser mais do que frases superficiais, ridículas, triviais e ecuménicas. Elas devem criar um desejo de pureza interior, paz e santidade; não agem como uma distração ou uma chupeta espiritual.

Os que estudaram letras de algumas músicas de «rock'n'roll» apontam o perigo das palavras que há em tais canções. As palavras percorrem todo o caminho provindo de frases sórdidas ou sensualmente provocativas, frases de desânimo, frases que sugerem suicídio ou drogas. Como podemos tolerar coisas como estas?

**Instrumento.** A espécie de instrumento musical empregado na execução de uma página musical é importante até certo ponto. Alguns deixam de receber a bênção da letra ou da música de um hino pelo facto de o acompanhamento ser feito com a viola. Talvez, daqui a algum tempo, a viola, o banjo e a guitarra não venham a estar mais mentalmente associados a músicas de «boíte», ao «rock'n'roll» ou à cultura «hippie», mas isto parece ainda demandar algum tempo.

Esta é uma área em que a educação de uma congregação pode ajudar muito. Os membros devem ser levados a considerar a música, a letra, a maneira em que ela é expressa, e ficar menos apreensivos acerca do tipo de instrumento utilizado. Um pouco de transigência, de ambos os lados, sobre esta questão, será de muito valor. Contudo, eu diria aos músicos que não é correcto para o auditório que os artistas passem por alto os escrúpulos de formação, que há nas outras pessoas. Porque não podemos «preferir-nos uns aos outros» nesta questão, de modo que **todos** possam receber uma bênção?

**Os Executantes.** É-me sumamente grato, ao ouvir música religiosa, saber que os músicos dedicaram a sua vida a Deus, e vivem de acordo com sua profissão de fé. **Afinal de contas, a parte que o músico ou**

**cantor desempenha na igreja é denominada ministério.**

Não me sentiria bem, a despeito da maneira em que a música fosse executada, se os músicos que tocam o hino fossem artistas populares mundanos, da espécie dos que vivem desbragadamente na perversão e na imoralidade. Seu estilo de vida me viria à mente durante a execução, e interferiria com as bênção que eu poderia fruir.

**Espécie de Programa.** Afigura-se-nos óbvio que a escolha da música e do instrumento devem ser apropriados para a ocasião. Há um lugar para a comédia e o divertimento, mas devemos ser cuidadosos em não misturarmos o comum com o sagrado.

Deus é Santo. Os anjos velam a face diante d'Ele. Os cultos dedicados a Ele devem ser o melhor que podemos oferecer com as nossas habilidades e talentos. Nas tribos primitivas, os instrumentos musicais eram simples, porém o melhor de que podiam dispor. Deus aprecia que se Lhe ofereça o melhor. Requitados instrumentos da sociedade civilizada soam de modo muito semelhante, tão estridente, aos seres celestiais, como os instrumentos selvagens nos soam, mas, conhecendo este facto, não devemos ser levados a executar de maneira desleixada em instrumentos mal conservados. Cumpre-nos empenhar-nos para fazer o melhor.

**Maneira de Apresentar.** Volvamos às quatro citações que fizemos na introdução. A ênfase na primeira e terceira declarações é sobre a **maneira** em que a música é apresentada. Frequentemente os artistas seculares apresentam uma música para chamar a atenção para a sua capacidade como vocalistas ou para a agilidade técnica e virtuosidade como instrumentalistas. Há outros que, pelo movimento do corpo, chamam a atenção para a sua plástica e seus encantos físicos. Certos movimentos corporais, mais do que inocentes volteios, têm o objectivo de incitar pensamentos de imoralidade sexual.

O músico piedoso e não egoísta apresentará o número musical com humildade, para produzir gozo e felicidade advindos da música, e não para atrair a atenção à sua execução. O músico cristão deve, por todos os meios, evitar atrair atenção sobre si, mas, ao contrário, pela boa escolha da música e maneira de apresentá-la, dirigir o ouvinte, mesmo sem o perceber, para a mensagem e para a Pessoa que é o objectivo de seu ministério pela música.

Em resumo, cremos que devemos examinar a música nas nossas igrejas, escolas, lares e a música-ambiente tocada em nossos hospitais

e outras instituições, na base de, pelo menos, esses sete aspectos. Nós que amamos a Deus devemos ser uma luz a guiar o mundo. Devemos unir-nos para fazer calar, franzindo o sobrolho (**Mensagens Escolhidas**, livro 2, pág. 29), os aspectos objectáveis da música, e estimular a boa música, apropriada para a ocasião.

Talvez uma maneira de nos guiarmos na nossa decisão sobre a música apropriada para a ocasião seria formular várias perguntas como estas: Com o que está, geralmente, esta música associada? Onde tem ela a sua origem? Teve ela origem em bares ou tabernas? Foi destinada aos salões de dança? Acha-se ela associada aos festivais de «rock» comprometidos com drogas e sexo?

Antes da época das vitrolas, do rádio, e da televisão, a recreação doméstica girava em torno de músicas simples, próprias para o lar. Muitas dessas canções contavam enredos inocentes. A sua origem e estilo tornavam-nas muito apropriadas no seu lugar. Outras não eram melhores do que certas óperas, com o seu enredo trágico.

É imprescindível relacionar o número de música com o seu ambiente e com o auditório, pois é isto o que ocorrerá na mente dos ouvintes. A resposta é: Você, músico ou cantor, quer que o seu auditório pense que você aprova o auditório do salão de bailes ou da «boíte», que aprova a cultura «hippie», ou quer elevar a mente dos seus ouvintes para os prazeres puros ou coisas espirituais?

Nos últimos dias Satanás tentará induzir cada pessoa a fazer a sua própria vontade. Ele quer que cada indivíduo seja o juiz das suas próprias actividades. **Ele nos levará a crer que as normas não têm nenhum valor.** Dirige os nossos pensamentos de modo a julgarmos que o que quer que se faça é sempre correcto. Ele quer que pensemos que uma coisa é boa apenas porque ela existe ou pode ser feita. (Ver **O Conflito dos Séculos**, ed. do Brasil, págs. 599 e 600). Ele quer enxovalhar a diferença entre o sagrado e o comum.

Cumpre-nos buscar a Deus para nos iluminar, de modo que se possa estabelecer a devida orientação neste assunto. Devemos planejar em todas as áreas, musicais ou quaisquer outras, a fim de agradar-Lhe. Não podemos fazer as coisas que o povo ao nosso redor faz. Ainda que Deus não condenasse os filisteus por transportarem a arca num carro, David não podia fazer isso como fez. Nós, como filhos de Deus, recebemos maior luz, devemos atingir a norma que Deus nos deu. E Suas normas não são penas. Elas conduzem à calma, paz e felicidade íntimas.



# história do mês

## EDUARDO APRENDE A LIÇÃO



Eduardo tinha o costume de jogar à bola, mas sobretudo jogava com tudo que tivesse à mão. Se se aborrecia com o João, o seu irmão mais velho, atirava-lhe com o que estivesse mais perto.

Quando isto acontecia, João agarrava Eduardo e dava-lhe uma sacudidela, como fazem os irmãos mais velhos. A mãe nem dizia nada, pois compreendia que Eduardo precisava ser corrigido. Pensava que se ele sofresse um pouco por causa do seu mau hábito, talvez acabasse por perdê-lo.

Um dia, enquanto Eduardo voltava para casa com sua mãe, de regresso das compras, viu que um automóvel se aproximava deles. Baixou-se para apanhar uma pedra e já se preparava para a atirar se a mãe não lhe tivesse segurado na mão.

— Não deves fazer isso, Eduardo! Podias quebrar o vidro; e depois? Ou talvez causar um acidente; não compreendes?

Mas o Eduardo nunca mais aprendia. Passaram-se vários dias sem que houvesse brigas, mas uma tarde, ao voltar da escola, João contou que Eduardo tinha atirado uma pedra a um automóvel, em direcção do pára-brisas. Não o quebrou porque não calhou, pois o carro ia em andamento.

A mãe ficou muito zangada e disse:

— Vais ficar dentro de casa o resto do dia. És impossível.

— Quero sair! — gritou o menino.

A mãe deixou-o chorar. Mas ele tanto pediu, tanto prometeu que não faria, que sua mãe deixou-o ir.

Tudo esteve em ordem por algum tempo, até que o Sr. Rogério, um dos vizinhos, passou com o seu automóvel. O menino novamente atirou uma pedra e esta foi certa. O Sr. Rogério, que sabia deste mau hábito, parou o carro e foi em direcção do Eduardo que fugia com quanta força tinha.

— Que aconteceu? — perguntou-lhe a mãe ao vê-lo chegar cansado.

— Nada! não foi nada! — e correu para o seu quarto.

A senhora saiu para ver o que é que o vizinho queria.

— Creio que assustei o seu filho. Talvez se lhe disser que eu quero que ele me pague pelos prejuízos que fez, isso o acalme.

A mãe pensou que isso seria uma boa ideia, especialmente quando o vizinho lhe explicou que se tratava dum grande arranhão causado pela pancada.

— Fez bem, Sr. Rogério. — E logo Eduardo foi informado que teria de pagar as despesas, o que o assustou muito.

— Terás de pensar numa maneira de lhe pagar, e tens de ir falar com o senhor, para saberes quanto lhe deves.

Não lhe agradou a ideia de ir a casa do vizinho, e pensou que a sua mãe podia fazê-lo.

— Não Eduardo, não toca a mim. João pode acompanhar-te, mas és tu que tens de falar com o Sr. Rogério. O problema é teu.

Eduardo teve de ir, e parecia que os seus pés se recusavam a levá-lo. Pareciam chumbo. Queria voltar para casa. Finalmente chegaram, e João o encorajou. O vizinho veio ao seu encontro.

— La ...la ...mento ter atirado a pedra, senhor Rogério, — gaguejou o menino. — Quanto tenho de pagar?

— Creio que não será uma fortuna. Faremos contas.

Pela expressão do Eduardo, o Sr. Rogério compreendeu que ele estava imaginando uma grossa soma. E pensou: — Se me pagar, devolverei a quantia pelo irmão, mas o Eduardo precisa da lição.

Quando o pai voltou naquela noite, Eduardo perguntou se podia dispor do ferro velho que estava no pátio. Este disse-lhe que sim. A mãe disse-lhe que podia ficar com os jornais velhos que estavam no sótão. De modo que, a pouco e pouco, juntava dinheiro na sua caixa, para a conta. Mas isto queria dizer muito trabalho, e assim as suas energias foram bem empregues. Quão contente estava no dia em que pôde ir a casa do Sr. Rogério e entregar-lhe o dinheiro que lhe devia! Até o vizinho notou nele algo de diferente.

— Estou satisfeito porque vejo que estás mais sossegado. Quero dizer-te que não quero o teu dinheiro e penso que farias bem em juntar mais e comprares algo que te fosse útil.

Eduardo agradeceu ao Sr. Rogério e voltou para casa. Seus pés pareciam ter asas. Já tinha algumas ideias de como aumentar o seu capital.

(El Amigo de los Niños)

# NOTAS SOBRE CRISTOLOGIA

(Conclusão)

## II

## Ensinamentos de Algumas Igrejas

Tudo quanto os homens queiram dizer, nas melhores intenções, sobre doutrina, não se pode igualar ao que Deus inspirou. Contudo é acto de respeito e proveitoso ver o que eles ensinam.

## a) Qual é o ensinamento da Igreja Adventista?

O documento de maior autoridade é o seu Manual da Igreja.

No Capítulo XI, «Fundamentos de Fé dos Adventistas do Sétimo Dia», depois de declarar que o Velho e o Novo Testamento, inspirados por Deus, contêm «uma revelação suficiente da vontade de Deus aos homens e são a **única regra infalível** da fé e da prática (§ 1) e que a Santa Trindade se compõe de Pai, Filho e Espírito Santo, (§ 2), afirma: «Que Jesus Cristo é Deus verdadeiro, com a **mesma natureza e essência do Pai Eterno**. Retendo a Sua natureza divina, tomou sobre Si a **natureza da família humana**, viveu na Terra como homem, exemplificou na Sua vida, para nosso exemplo, os princípios de rectidão, atestou a Sua relação com Deus por muitos milagres poderosos, morreu na cruz pelos nossos pecados, ressuscitou dos mortos, subiu ao Pai onde vive para sempre a interceder por nós (S. João 1:1, 14; Heb. 2:9-18; 8:1, 2; 4:14-16; 7:25).» (§ 3).

Parece, pois, que Jesus Cristo «reteve a natureza divina e tomou a natureza do homem». Logo tinha duas naturezas. Mas isto parece contradizer o que se afirma em Heb. 2:17: «Pelo que convinha que **em tudo fosse** semelhante aos irmãos». Como poderia Ele ser semelhante **em tudo** a nós, tendo o que nós não temos: a natureza divina?

Também S. João 1:14 não diz que «O Verbo tomou a natureza humana» mas diz que «se fez carne», isto é, «**se transformou** na natureza humana».

O mais potente milagre de Jesus, a ressurreição de Lázaro, segundo narrado em S. João Cap. 11, parece não ter sido devido à essência divina de Jesus mas à prece que Ele fez ao Pai (10:41-42). Os milagres de Jesus atestavam as suas boas relações com Deus.

## b) Qual o ensinamento da Igreja de Roma?

Analiseemos o que se encontra na obra magistral de Lui Prunel, do Instituto Católico de Paris, «Curso Superior de Religião».

1.º — Que compreender por «natureza» e por «pessoa»?

«A **pessoa** é o princípio que actua, e a **natureza** o princípio **pelo qual** a pessoa actua.» (p. 9).

Exemplifica: quando o assassino mata, o crime não é atribuído **ao braço** mas **à pessoa** do criminoso.

2.º — «A **natureza divina** e a **natureza humana** estão ligadas na pessoa do Verbo; **há só uma pessoa** em Jesus Cristo, a própria pessoa do Filho de Deus, a segunda pessoa da Santa Trindade, mas esta pessoa possui duas naturezas íntegras e completas: a divina e a humana. É o que se exprime ao dizer que o Verbo ou o Filho de Deus tomou a nossa natureza humana, fez-Se homem, fez-Se carne, desposou a natureza humana, etc. O ponto mais importante que é preciso nunca perder de vista, sob pena de cair em multidão de erros, é que só há, em Jesus Cristo, uma única pessoa, um único «eu», um único suporte das duas naturezas.» (pp. 102-103).

«Esta união das duas naturezas na pessoa do Verbo é **perpétua e indissolúvel**. Nada a pode romper. O Verbo é para sempre o Homem-Deus. O Verbo eterno é o laço desta união eterna.» (p. 105).

Dá um exemplo: «Toda a comparação é evidentemente imperfeita e a que melhor pode ajudar



a compreender esta união é a enxertia»: uma ma-  
cieira recebe enxerto de pereira e passa a dar  
dois frutos, maçãs e peras. O enxerto recebe  
o ser, a vida, a seiva da árvore. «A natureza hu-  
mana de Cristo produzirá operações humanas, mas  
só existirá pela pessoa do Verbo» (p. 106).

«Jesus Cristo é ao mesmo tempo Deus verda-  
deiro e homem verdadeiro. A Sua pessoa divina,  
o Seu «eu», actua pelas duas naturezas. Há por-  
tanto em Jesus Cristo **duas vontades e duas ope-  
rações**, como foi definido pelo 3.º Concílio de  
Constantinopla em 680, contra os monotelitas que  
só admitiam uma única vontade, a divina.» Prova  
bíblica: S. João 6:38 e S. Lucas 22:42. A vontade  
humana submeteu-se sempre à divina. No entanto,  
Jesus quer como homem e como Deus.

Também houve em Jesus **operação dupla**. Quan-  
do passou fome, fadiga, chorou, etc., tudo isso  
foram operações humanas. Quando fez milagres,  
**operou** divinamente (pp. 106-108).

Em resumo: Para a Igreja de Roma, em Jesus  
Cristo há duas naturezas e duas vontades: divinas  
e humanas. Mas só há uma pessoa.

Note-se que há conformidade com a doutrina  
adventista no que respeita às duas naturezas.

A doutrina de Roma vai mais longe do que a  
adventista quando dá a Cristo duas vontades e  
duas operações, naturalmente devido ao impulso  
recebido dos séculos passados.

É de notar também que Prunel não dá textos  
bíblicos em que esta doutrina das duas vontades  
e duas operações esteja **explicitamente** declarada.  
João 6:38 não diz que em Jesus havia duas von-  
tades mas apenas que **só** fazia a vontade de  
Deus. E o mesmo se pode dizer de S. Lucas 22:42.  
Se a vontade de Cristo estava sempre submetida  
à de Deus, equivale a dizer que n'Ele só reinava  
a vontade divina.

O mistério da existência lado a lado, ou até  
da união da natureza divina com a humana, per-  
siste na doutrina adventista e na de Roma: é o  
grande Mistério de que falava S. Paulo!

c) **Testemunho de um notável historiador dos  
Dogmas, Charles Hodge, Doutor em Teologia**, na  
sua «Teologia Sistemática», ed. de Eerdmans Publ.  
Corp., Michigan, Estados Unidos, Vol. II:

«1.º — A Bíblia ensina que Cristo foi na verdade  
homem, com natureza humana completa: nasceu  
de mulher, passou por desenvolvimento desde  
criança até adulto; sofreu fome, sede, dores e  
morte. Aliás o que diz Heb. 2:14. Nos Evangelhos  
está a Sua genealogia.

2.º — Afirma a Bíblia que o Verbo ou Cristo era  
verdadeiro Deus. Ele mesmo declarou que Deus  
e Ele eram um (S. João 10:30), que via o Pai quem  
O via (S. João 14:9). Os Apóstolos chamaram-Lhe  
Deus (S. João 20:28).

3.º — Não aparece na Bíblia uma dualidade de  
pessoa. Várias vezes se encontram os pronomes

«eu», «a mim», «meu». A existência de natureza  
divina, de natureza humana e de uma só pessoa,  
abrangem toda a doutrina da Encarnação. Leia-se  
Heb. 1:1-14.

4.º — Nos credos das Igrejas Grega, Latina e  
Protestantes, declara-se que Cristo é **consubstan-  
cial** a nós na Sua humanidade e **consubstancial**  
ao Pai na Sua divindade. Estas duas naturezas não  
são miscíveis e não podem constituir uma terceira  
natureza mista. O finito não pode misturar-se com  
o infinito. Estavam ligadas na **pessoa** de Cristo  
que era, ao mesmo tempo, Deus e homem»  
(pp. 380-345, aqui resumidas).

d) **Credo da Igreja Reformada da Suíça (Sé-  
culo XVI)**.

«Também acreditamos e ensinamos que o Filho  
de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, foi predesti-  
nado desde a eternidade ou preordenado pelo  
Pai como salvador do mundo; e também cremos  
que foi gerado, não quando assumiu a carne por  
parto da Virgem Maria, nem antes da criação do  
mundo, mas antes de toda a eternidade e pelo  
Pai, de modo indizível (...) Por isso é Filho **co-igual**  
e **consubstancial** ao Pai pela divindade, verdadeiro  
Deus, não por mera declaração nem por adopção  
nem por dignificação, mas por substância e por  
natureza (...) E também ensinamos e cremos que  
o Filho eterno do Deus eterno foi feito Filho do  
homem, da geração de Abraão e de David, não  
por coito viril, como ensinava Hebion, mas conce-  
bido purissimamente pelo Espírito Santo e nascido  
de Maria sempre virgem (...) Reconhecemos por-  
tanto em um e o mesmo nosso Senhor Jesus  
Cristo **duas naturezas**, a divina e a humana, e  
dizemos que elas estão conjuntas ou unidas,  
embora não estejam absorvidas, confundidas ou  
misturadas (...) mas unidas e conjuntas em **uma**  
**pessoa**. Deste modo veneramos um único Cristo  
Senhor e não dois, um que é verdadeiro Deus e  
verdadeiro homem, devido um à natureza divina  
do Pai, e outro à humana, na verdade consubstan-  
cial e semelhante a nós, em todas as coisas, me-  
nos no pecado (...).

e) **João Calvino — «Instituição da Religião Cris-  
tã»** Ed. de 1937, Paris, Societé Les Belles Lettres,  
Vol. 2, Cap. 4, pp. 7-170.

Vamos resumir o que de mais importante con-  
tém este Capítulo sobre o nosso assunto:

1.º — Analisa as afirmações do Credo dos Após-  
tolos que aceita, não como redigido pelos Após-  
tolos, mas como documento muito antigo sobre  
a Fé Cristã, talvez contemporâneo dos Apóstolos.  
Diz que «dos Apóstolos» se deve entender como  
contendo o ensinamento principal dos Apóstolos.  
Para ele é «confissão pública e certa da Fé»  
(p. 45);

2.º — Notem-se os conselhos de Calvino: «Se é necessário sobriedade na investigação dos elevados mistérios das Escrituras, neste (da Encarnação) sobretudo precisamos guardar sobriedade singular, evitando com cuidado que a nossa imaginação ou a nossa língua não ultrapasse os limites da Palavra de Deus. Como pode o homem investigar a substância de Deus quando não conhece a sua? Temos de nos contentar em aprender o que a Escritura ensina sem aceitar qualquer subtileza. Só procuraremos de Deus o que esteja na Sua Palavra, nada pensaremos e nada falaremos a não ser que esteja na Palavra» (p. 46).

### 3.º — CREIO EM JESUS CRISTO, SEU FILHO ÚNICO, NOSSO SENHOR.

Resumindo o muito que diz:

a) JESUS foi o nome que Deus Lhe deu pela boca do anjo (Luc. 1:31), tradução grega do hebraico IEICHUA que significa Salvador.

b) CRISTO que significa Ungido pela plenitude das graças divinas porque «Deus Lhe deu o Espírito sem medida» (S. João 3:34).

c) FILHO ÚNICO DE DEUS. O crente é filho de Deus por graça e adopção, mas Jesus é Filho de Deus, verdadeiro e natural. Possuía por natureza a qualidade que os outros têm por dom de Deus. O anjo disse: «Será grande e será chamado Filho do Altíssimo» (Luc. 1:32).

d) NOSSO SENHOR, indica que Jesus é o nosso Rei, Legislador e Protector, cuja doutrina devemos ouvir respeitosamente e praticar.

### 4.º — QUE FOI CONCEBIDO DO ESPÍRITO SANTO E NASCIDO DA VIRGEM MARIA

a) O nosso Mediador precisava ser Deus verdadeiro porque tinha de ser quem estivesse ligado a Deus e ao homem. Nenhum homem ou anjo podia subir até Deus e portanto era necessário que Deus descresse até ao homem. Por isso o Profeta dizia que Deus Se faria Emanuel, «Deus conosco» (Is. 7:14), de modo a ligar a nossa humanidade à Sua divindade e vice-versa.

b) «O Verbo fez-Se carne», isto é «O Filho de Deus fez-Se homem, não por confusão ou mistura de substâncias mas pela unidade de pessoa, isto é, uniu de tal modo a Sua divindade à humanidade que nenhuma das naturezas reteve a sua propriedade e em Jesus Cristo não há duas pessoas distintas mas só uma».

Dá como exemplo a união do corpo com a alma na formação do homem. São de naturezas diferentes mas estão unidas na personalidade hu-

mana (p. 94) (Nota: esta comparação resulta porque ele admitia como muitos outros hoje que existe uma alma imortal em cada ser humano).

Coisa certa é que Calvino ensinava que Jesus Cristo tinha natureza divina e natureza humana unidas em uma só pessoa. «Concluiremos portanto que Cristo, sendo Deus e homem, é composto de duas naturezas unidas e não confundidas» (p. 57).

### 5.º — FOI CONCEBIDO DO ESPÍRITO SANTO E NASCIDO DA VIRGEM MARIA.

Porque convinha que Aquele que era enviado para purificar outros não tivesse origem impura e contaminada. Por isso não era racional que o corpo humano, que a Essência Divina ia tomar por habitação, fosse poluído da corrupção universal dos homens. O Espírito Santo pôs-Se em acção, dominou a lei vulgar da natureza por meio da Sua virtude admirável, que nos é incompreensível, e fez que Jesus Cristo nascesse em perfeita santidade e pureza, sem mácula nenhuma (p. 98). Evidentemente Calvino acreditava que Maria ficara virgem depois do parto.

Não continuamos a análise de Calvino para os restantes artigos do Credo. Apenas é de lembrar as suas explicações sensatas sobre «Desceu aos Infernos» e «Sentou-Se à direita do Pai, Deus Onnipotente». Para a descida aos Infernos diz que se refere aos sofrimentos indizíveis de Jesus quando Se viu abandonado do próprio Deus, na cruz. Quanto a sentar-Se à direita de Deus, não quer dizer que haja cadeiras materiais no Céu nem que Cristo esteja ali sentado até ao fim do mundo, mas é apenas uma linguagem a figurar a suprema honra concedida e o domínio que recebeu sobre todas as criaturas.

E não citaremos mais, embora a Cristologia continue a ser motivo de numerosas explicações e hipóteses. Cristãmente, tais hipóteses não obrigam o crente, são meros exercícios da inteligência humana que bem fará em reconhecer os seus limites.

Seria interessante e muito útil contar as lutas, polémicas, perseguições e sofrimentos causados até ao Século X (mil anos de Cristianismo!) pela Cristologia e, sobretudo, pela mania humana de querer dizer e explicar o que a Bíblia não diz nem explica. Que isso nos sirva de lição! Deixaremos este assunto para outra ocasião.



# notícias do campo

## OS NOSSOS VISITANTES

### S. Monnier

De regresso da sua viagem a Cabo Verde e Guiné, o pastor Samuel Monnier, presidente da União Sul-Europeia, demorou-se no nosso campo de 23 a 26 de Abril, passando alguns dias nos Açores, onde teve ocasião de visitar as igrejas de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo. Fez igualmente uma visita às obras da escola de Oliveira do Douro e também visitou o Curso de Colportagem que nessa altura decorria na Amadora.

### E. Naenny, D. Sanguesa, A. Tejel

Estiveram connosco, de 24 a 28 de Abril, para colaborar no Curso de Colportagem que este ano teve lugar nas instalações da igreja da Amadora, os pastores E. Naenny, da Divisão Euro-Africana; D. Sanguesa, da União Sul-Europeia; e A. Tejel, da Casa Publicadora Espanhola.

### E. Rodriguez

O pastor Eugénio Rodriguez, da União Sul-Europeia, visitou o nosso campo de 25 de Maio a 8 de Junho, organizando nalgumas igrejas do norte do país, com a colaboração do departamental da Escola Sabatina da Associação, vários pequenos cursos para monitoras das classes infantis.

### A. Casaca, J. C. Tavares, J. Sabino

A 3 de Junho chegaram a Lisboa, procedendo de Angola e no gozo de férias, com as respectivas famílias, os missionários Pastor Armando Casaca, presidente da União Angolana, pastor João Cordas Tavares, presidente da Missão da Namba e e Joaquim Sabino, da Casa Publicadora Angolana.

## NOTÍCIAS DE ESPINHO

### Grande Jornada de Beneficência e Confraternização

A nossa igreja esteve em festa, no Domingo 30/3, não só porque recebeu aqui os irmãos que constituem o «Grupo Vocal Maranata», da Igreja de Lisboa, mas porque se ia efectivar um espectáculo num dos salões desta cidade, postos à disposição, para o efeito, pela Câmara Municipal e pelos Bombeiros

Voluntários, nas suas duas corporações de Espinho.

Na verdade foi uma jornada que não se esquece facilmente. Actuou, além do grupo vocal citado, também o «Grupo Vocal Eben-Ezer», de Espinho, pertencente à nossa igreja. Estão de parabéns os dois dinâmicos grupos vocais, e também a nossa igreja, porque, numa casa quase cheia, se deu testemunho dos Adventistas do Sétimo Dia; e isto foi bem frisado pelo jovem irmão e locutor de rádio António Sala. Foi consolador ouvir palavras de estímulo e de agradecimento quer ao vice-presidente da Câmara Municipal quer ao chefe dos Bombeiros Voluntários de Espinho. Por lapso não foi convidado o chefe dos Bombeiros Voluntários Espinhenses pelo que pedimos desculpa.

Temos ainda presente as palavras do vice-presidente da Câmara. «A missão da Igreja não deve ser fazer o bem só dentro das suas portas, mas sim sair para fora». Isto é muito verdade e infelizmente, pelo menos em Portugal, a nossa igreja não se tem mostrado muito ao mundo, embora na hora da aflição ela ali esteja a acudir aos necessitados. Mas não é tudo. Temos que sair mais. É preciso que o mundo nos conheça mais de perto. Pois esta jornada conseguiu isso mesmo: tornar conhecida a nossa igreja e alcançar fundos para as duas corporações de bombeiros desta cidade.

O jornal **Defesa de Espinho** fez eco do espectáculo, e dizia que todos precisamos desta espécie de diversão verdadeiramente sã e saudável, e fazia o contraste com os espectáculos que estão hoje muito em voga e não tem nada de são nem saudável.

Assistiram muitos irmãos de outras igrejas que saíram dali encantados com a actuação quer dum quer doutro grupo. Um dos irmãos sentiu-se tão feliz que, horas depois, foi oferecer ao grupo Eben-Ezer a quantia de 1000\$00 para ajuda dos seus apetrechos eléctricos; e, da parte do grupo Maranata, recebemos já o convite para o nosso grupo se deslocar a Lisboa para um sarau no Salão de Jovens da Igreja de Lisboa. Não faltaremos, se nos for possível.

Todos actuaram muito bem. Mas merece especial referência a solista do grupo de Espinho. Ouvi pronunciar, com muita alegria, as seguintes palavras, à professora de canto da nossa jovem, no fim da sua actuação: «Ó Nela, cantaste muito bem!» Trata-se da jovem Maria Manuela de Sousa Fernandes. Por minha parte, saúdo efusivamente estes admiráveis jovens e digo-lhes que vão para a frente, porque certamente Deus terá para eles muitas bênçãos, e também glória. E ainda um muito obrigado pela maneira briosa como actuaram.

Adelino Nunes Diogo



Grupo Eben-Ezer de Espinho, actuando em Lisboa



Últimos batismos de Acção 75 na Amadora

## NOTÍCIAS DA AMADORA

### Acção 75

«Que pena já ter acabado!»

Era assim que se despediam de nós muitas das nossas mais assíduas visitas naquela noite de 25 de Maio, a última, desta belíssima Acção 75 que, em primeiro lugar agradecemos a Deus e logo após ao pastor da igreja, Pastor António Baião.

Foi, na verdade, com muita pena que todos vimos terminar esta série de tão belas conferências apresentadas com tanto entusiasmo e convicção que mantiveram, noite após noite, membros da igreja e dezenas de visitas no mais vivo e crescente interesse.

A igreja, adultos e jovens, trabalhou activamente na distribuição de convites e em contactos pessoais e desta sorte, mais uma vez, a nossa sala se revelou pequenina, insuficiente para conter os que disseram «sim» ao nosso chamado.

Às 20 horas de cada noite o pastor Baião iniciava as suas actividades preparando a máquina para a projecção do filme que deveria anteceder a conferência e os «Bons Samaritanos» faziam rodar os seus carros em busca dos que, por morarem mais distante ou por via da sua avançada idade, careciam ser, desta forma, transportados. Às 20,30 horas prefixas a voz do pastor Baião conduzia já uma regular assistência no cântico de belos hinos que eram como sinos chamando os fiéis à adoração. Esta era, para todos, uma feliz e alegre introdução que se completava na distribuição de belos livros, prémios às visitas

que, ansiosamente, esperavam ouvir ler o seu nome na ficha de presença que já em dia ou dias anteriores haviam preenchido.

Que as conferências foram seguidas com crescente entusiasmo prova-o o número de visitas que quase atingiu um total de 145 presenças dando uma média satisfatória de 65 visitantes por noite.

As crianças também não faltaram e a sua média quase igualava a dos adultos, pois manteve-se em 50 alegres e entusiastas presenças. Um bom grupo de dedicadas monitoras trabalhou e fez trabalhar cada pequenito na execução de alguns trabalhos manuais que, como prémio de atenção e assiduidade, no final, puderam levar para as suas casas. O programa especialmente elaborado para as crianças: tema, história, diálogo, etc., foi rigorosamente respeitado, não faltando mesmo o «Clube dos 10 000» que muito entusiasmou a pequenada.

Ao longo da Acção 75 tivemos duas cerimónias baptismas, dias 11 e 25, que totalizaram 17 entregas ao Senhor, e a cujo habitual apelo, feito pelo pastor da igreja, responderam 63 preciosas almas, algumas das quais já estamos preparando para o próximo baptismo.

A igreja encontra-se feliz por esta oportunidade de contactar com todas estas almas que já estão a ser visitadas em seus lares e entusiasmadas para uma feliz e próspera continuação ao lado de Jesus.

Sabendo que esta é uma difícil tarefa cujos resultados não podemos antever, pedimos a todos o favor de orarem pela igreja da Amadora que também ora por vós.

Pela Igreja,  
Maria Augusta Pires

## ... ELLEN G. WHITE

(Continuação da pág. 5)

estratégia do inimigo que comanda tudo isso. Achamo-nos envolvidos — ela nos revela — numa guerra total contra uma organização dirigida pelo General Satanás. Suas colónias na Terra são governadas por «ministros» psíquicos e invisíveis, que controlam as emoções de milhões de cidadãos. E o fazem através de mensagens que a organização transmite por vias mediúnicas, transcritas psicograficamente, ou por vibrações curativas, ou ainda pelas «curas pela fé», e contam com forças desta espécie. E só em tempos mais recentes se utiliza de agressiva publicidade de âmbito mundial para ampliar o seu campo de influência. Como resultado, milhares de colunas sobre astrologia são publicadas em jornais de todos os países, cursos por correspondência sobre satanismo são agora oferecidos, e o renovado interesse na feitiçaria, necromancia e magia negra tem levado importantes universidades do país a incluírem estas matérias no currículo dos cursos.

Ellen White, através de seus escritos inspirados, espicaçou a guerra contra Satanás.

«É o Espírito de Profecia realmente digno de crédito? Creio, de facto, que Ellen White foi uma profetisa?»

Sinto que estas indagações devemos todos fazer a nós mesmos e não limitarmos a nossa resposta a uma reacção emocional espontânea que nos atinja numa reunião ou numa conferência. Estudai os seus escritos. Ponde à prova as suas pretensões. Isto fará a vossa fé repousar em novo ângulo.

Foi o que se deu comigo.

<sup>1</sup> Ver Manuscrito 114, 1902; Ellen White, *Evangelismo*, pág. 27; Ellen White, *Testemunhos Selectos*, Vol. 3, págs. 328/9.

<sup>2</sup> Ellen White, *O Conflito dos Séculos*, págs. 533-608 (ed. do Brasil).

<sup>3</sup> Ver *Medical Science and the Spirit of Prophecy*.



# caixa de perguntas

Secção a cargo de J. N. Branco

— «Gostava de saber que foi feito da vara de Aarão e do vaso com o maná que estavam na arca do tabernáculo israelita (II Crón. 5:10).»

Há quem diga que, segundo os textos do Êxodo 16:33 e de Números 17:10, estes dois objectos citados não tinham sido postos dentro da arca, mas simplesmente no tabernáculo, «diante do Eterno».

Porém, o Novo Testamento declara, positivamente, que os referidos objectos estavam na arca (Hebreus 9:4).

Quanto ao seu desaparecimento, a Bíblia não diz absolutamente nada.

— Porque é tão fácil distrairmo-nos, durante a oração?

É possível que a distração durante os momentos da oração seja devida a cansaço físico ou mental. Este cansaço pode derivar de um estado geral da saúde ou de trabalho mental, nomeadamente, recente. Portanto, quando uma pessoa se ajoelha para orar, em tais circunstâncias, tem tantas coisas em que pensar que a mente começa a vaguear através delas. Passar muitas horas diante da televisão, ou a ouvir rádio, ou ler revistas e livros meramente mundanos são coisas que não favorecem a oração.

A oração não é um simples exercício de recitações; orar significa viver no espírito de comunhão com Deus, nosso Pai celestial.

«Orar, quer dizer, abrir o próprio coração a Deus como a um amigo» — conforme explica a Irmã White.

Uma das razões que fazem com que as nossas orações sejam, por vezes, uma coisa sem vida, é o não termos a consciência de estarmos na presença de Deus. Não é difícil conversar com qualquer pessoa que se conhece, que se ama e na qual temos confiança. Através da Sagrada Escritura Deus revelou-Se aos homens; a Bíblia constitui a Sua carta de apresentação a todas as pessoas que a quiserem ler.

Damos uma sugestão a quem facilmente se distraia, quando está orando:

Inscreva-se no nosso **Curso Bíblico por Correspondência**. Trata-se de uma maneira fácil e atraente de estudar a Sagrada Escritura. É grátis; a única despesa consiste em estampilhar os envelopes nos quais os alunos enviam as respectivas Provas Escritas para serem revistas e classificadas. Basta escrever um postal para: Apartado 1030 — Lisboa-1, pedindo o Curso.

Também aconselhamos — no caso de distração, quando se ora — que a pessoa fale em voz alta, isto é, ore em voz alta, pois desta maneira, tem a sensação de estar a falar com Alguém — neste caso com Deus — e mais facilmente evitará a distração. Recordemos a oração do Salmista: «Ouve, Senhor, a minha voz, quando clamo; tem também piedade de mim, e responde-me.» (Salmos 27:7)

— Lemos em S. Mateus 13:55,56: «Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago e José e Simão e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs?...» Quem são, pois, estes «irmãos» e «irmãs» de Jesus?

É uma questão muito discutida esta, a dos denominados irmãos e irmãs de Jesus. Podem distinguir-se três teorias principais: a do irmão, a do meio-irmão e a do primo. Esta última parece ser a menos provável, porque força o sentido óbvio dos passos que descrevem Tiago, José, Simão e Judas, juntamente com as «irmãs», como membros da família.

A primeira teoria afirma que se trata de filhos de José e de Maria, nascidos depois do nascimento de Jesus (uma vez que Jesus é indicado como «primogénito» em Lucas 2:7). A Bíblia apresenta os irmãos de Jesus procurando impor-Lhe os seus pontos de vista e querendo mesmo obrigá-Lhe a obedecer-Lhes (João 7:3:5; Marcos 3:21, 31), mas a ética da família oriental não permitia aos irmãos mais novos repreender ou censurar o mais velho nem meterem-se nas coisas dele. Por isso a atitude dos tais «irmãos» de Jesus não estaria de acordo com os costumes daquele tempo.

A segunda teoria afirma que os tais «irmãos» e «irmãs» de Jesus seriam filhos de José, num matrimónio que este tivera anteriormente; tendo enviuvado, casara, então, com Maria. Neste caso, os tais irmãos seriam mais velhos que Jesus, podendo, por isso, impor-Lhe a sua vontade, de acordo com o costume daquele tempo.

A prova mais válida desta teoria — isto é, que Jesus não tinha verdadeiros irmãos e irmãs — está no facto de Jesus ter confiado, no Calvário, a mãe aos cuidados do discípulo João, como se sabe. Daqui se pode concluir que José já tinha morrido e que os «irmãos» e «irmãs» não tinham nenhuma obrigação de cuidarem de Maria. De resto, também Jesus não tinha o direito de retirar aos supostos filhos de Maria o cuidado que estes lhe deviam prestar, agora viúva e sem o Filho.

Os dados bíblicos são, porventura, insuficientes para uma declaração definitiva neste ponto.

Jesus disse claramente qual era a relação de parentesco que realmente tinha valor para Ele. Quando a Sua mãe e os outros membros da família O procuraram entre a multidão, Jesus disse positivamente: «...Quem é Minha mãe e Meus irmãos? E olhando em redor, para os que estavam assentados junto d'Ele, disse: Eis aqui Minha mãe e Meus irmãos; porque qualquer que fizer a vontade de Deus esse é Meu irmão e Minha irmã e Minha mãe». (Marcos 3:33-35)

## 52.ª Sessão da Conferência Geral

(Continuação da pág. 2)

purificador do Espírito Santo, a fim de que esta assembleia da Conferência Geral atraia a complacência divina com as suas mais preciosas e válidas graças.

Igualmente peço aos prezados Irmãos Anciãos e demais Oficiais da Igreja que, em todos os cultos públicos que se realizarem durante as sessões da Conferência Geral dediquem alguns momentos, que serão preciosos, a orar em favor dos trabalhos da mesma, para que, animados pela graça celeste, aqueles que neles participam traduzam real e eficazmente a vontade divina de apressar a volta gloriosa de Jesus.

A. Baião



★ O governo da Nigéria nacionalizou todos os hospitais particulares do país, incluindo o hospital adventista Ile Ife. Em funcionamento desde 1944, na parte ocidental da Nigéria, o hospital missionário, com 158 camas, tinha também uma escola para enfermeiras e parteiras. Este hospital era dirigido pelo missionário inglês B. J. Powell e tem contribuído bastante para a solução dos problemas sanitários da Nigéria ocidental, fornecendo não só assistência médica como também pessoal qualificado para trabalhar noutras zonas do país.

★ Durante o ano de 1974, a mensagem adventista atingiu três novas aldeias da Serra Leoa: Katonga, Bonthe e Makar. Para duas delas foi levada por pessoas recuperadas no hospital leprosário de Masanga, onde tiveram conhecimento do Evangelho. Os chefes destas aldeias pediram que para ali fossem enviados pastores.

★ Palavras de R. H. Pierson, recentemente publicadas na **Review**: «Um sincero agradecimento a todos quantos enviaram dinheiro para a construção de igrejas na Índia meridional. **Ultrapassámos o nosso objectivo de 300! Por favor, não enviem mais dinheiro para este projecto!** Já fizestes a vossa parte!... mais de 5000 contos em menos de 50 dias ... Que alegria para milhares de novos crentes gratos por esta ajuda. Naturalmente, eles farão a sua parte procurando o terreno e fornecendo a mão-de-obra para a construção. Agradecemos ao Senhor pela fidelidade dos adventistas de todo o mundo ... e oramos para que Ele dirija ... com o poder do Espírito na criação de outras centenas de comunidades que necessitem de um lugar de culto.»

★ Os estudantes do Colégio de Mountain View, em Malaybalay, Bukindom, nas Filipinas, são os primeiros estudantes adventistas do mundo que levaram mais de 1000 pessoas, exactamente 1140, ao baptismo. O momento culminante desta experiência foi em 14 de Dezembro de 1974, quando num só dia se baptizaram 215 pessoas. As 15 novas igrejas que a escola fundou este ano elevam para 45 o número total de igrejas constituídas graças ao trabalho dos jovens num raio de 180 Km em redor do colégio.

★ Na Holanda, muitos jornais fizeram diversos inquéritos sobre os adventistas, o seu credo, a sua obra, a seguir à distribuição, feita pelos membros, de um milhão de exemplares duma publicação especial, em formato de jornal, apresentando a nossa igreja ao público. Resultado: importante aumento das inscrições para o curso de Bíblia por correspondência e vários representantes adventistas convidados a participar em grupos de discussão e entrevistas radiofónicas e televisivas.

★ Na Polónia, a escola bíblica por correspondência, a funcionar há um ano, regista mais de 1000 inscrições e já produziu 42 baptismos. No passado Outono iniciaram-se ali 42 campanhas de evangelização. A publicadora local está a editar sete livros novos, num total de 70 000 exemplares.

★ Jerry L. Pettis, deputado adventista ao Congresso dos Estados Unidos, faleceu a 14 de Fevereiro deste ano, num acidente aéreo, aos comandos do seu monomotor, perto de Beaumont, Califórnia. O serviço fúnebre realizou-se a 18 de Fevereiro, na igreja da Universidade de Loma Linda.

★ Este ano acrescentou-se ao Masanga Leprosy Hospital da Serra Leoa uma secção de fisioterapia, uma alfaiataria, uma carpintaria e diversas aulas escolares. Grande parte dos fundos para estes projectos são provenientes da NORAD, Organização Norueguesa para o Desenvolvimento. O hospital pôde seguir e tratar 3000 casos de lepra em habitantes das aldeias da Serra Leoa.

★ No sábado 21 de Dezembro último, Janko Poliak, presidente duma das conferências da Jugoslávia, inaugurou a primeira igreja jugoslava de Sydney, Austrália. A nova igreja, que abriga 300 pessoas, foi projectada por um adventista de Sydney e quase toda construída por membros jugoslavos. Em Sydney há agora, além dos crentes de língua inglesa, cinco grupos de línguas diferentes: chineses, franceses, polacos, russos e jugoslavos.